

O CONTEÚDO GINÁSTICA EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Ana Rita Lorenzini¹

A questão da ginástica, no caso específico da Educação Física Escolar, pode ser problematizada visando elevar o nível de desenvolvimento do conteúdo substantivo. Desta forma, nossa intenção consiste no resgate de uma genealogia, encontrada na literatura especializada, situando as origens da Ginástica pontuando marcas ao longo de sua historicidade, discutindo sua constituição diante das possibilidades e limites referentes à Pedagogia, a Escola, a Educação Física. Num segundo momento da reflexão buscamos estabelecer nexos e relações do conteúdo específico, visualizando uma possibilidade de trabalho no âmbito escolar.

Não há prática educativa sem conteúdo, quer dizer sem objeto de conhecimento a ser ensinado pelo educador e apreendido, para poder ser aprendido pelo educando. Isto porque a prática educativa é naturalmente gnosiológica e não é possível conhecer nada a não ser que nada se substantive e vire objeto a ser conhecido, portanto vire conteúdo. A questão fundamental é política. Tem que ver com que conteúdos ensinar, a quem e a favor de que e de quem, contra quê, como ensinar. Tem que ver com quem decide sobre que conteúdos ensinar, que participação têm os estudantes, os pais, os professores, os movimentos populares na discussão em torno da organização dos conteúdos programáticos (FREIRE, 1991, p. 44-45).

Com a palavra geradora, com a tematização, como sugere FREIRE (1987), compreendemos que o Conhecimento da Ginástica possui significados e vem sendo ressignificado pela humanidade. O mesmo se constitui e é constituído nas contradições do trabalho, do estudo e tempo livre, nos diferentes segmentos sociais e institucionais, dos distintos projetos vividos pelo ser humano ao longo dos períodos históricos. Situamos um percurso temporal visando compreender relações e nexos da historicidade do conteúdo.

Para LANGLADE (1970), a **Pré-História** foi marcada pela luta pela sobrevivência onde os humanos utilizavam as próprias ações corporais.

¹ Especialista em Educação Psicomotora na pré-escola e séries iniciais pela Universidade de Caxias do Sul e professora da Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco. Coordenadora do Ethnós – Grupo de Estudos Etnográficos em Educação Física e Esporte.

Na **Antigüidade** não existia a palavra, *ginástica*, mas ela foi para os ideais clássicos da Grécia e Roma Antigas, o espaço platônico de conferência, de palestra e orquestra, referentes a um assunto. Este entendimento presente na Academia de Platão nos reporta às características da atual Instituição Escola. Neste período histórico a *ginástica* também foi constituída por objetivos religiosos, terapêuticos e guerreiros relacionados aos ideais de beleza e perfeição gregos e às contradições romanas entre as exibições corporais praticadas no circo e o menosprezo à vida praticados nas arenas ou estádios.

A Ginástica foi definida como **a arte de exercitar o corpo nu**, inspirada pelo ideal grego de harmonia entre corpo e espírito, ou visualizada como a arte das exibições corporais humanas, oriunda do circo, de feiras, de festas. “Sua origem vem do grego *gymnikos*, adj. que é relativo aos exercícios do corpo, e de *gimn(o)*, elemento de composição culta que traduz a idéia de nu, do grego *gymnós*, “nu, despido”, não coberto, que se limita ser alguém ou alguma coisa, puro e simples, sem acessórios ou sem modificações” (SOARES, 1998, p. 20).

Com o advir da **Idade Média**², fortemente marcada pela sociedade feudal, pelo imperialismo, pela soberania dos papados, pelos sistemas corporativistas da indústria e do comércio, a sociedade sofreu as marcas da canalização dos bens de produção para determinados proprietários, grandes concentradores de riquezas oriundas principalmente do trabalho escravo. A Escola era destinada à elite, sendo que nas universidades medievais, os estudantes eram considerados perfeitos quando afastados de toda atividade recreativa ou divertida.

Para LANGLADE (1970), a luta pèlos ideais religiosos gerou proibição de exercícios e recreação levando a juventude à bebida, aos jogos de azar, aos vícios. Deste contexto compreendemos que houve aprisionamento corporal devido a uma tirania religiosa que elegeu a Fé, a intelectualidade, a disciplina, a moral contrapondo-se à procura do prazer e do espetáculo das exibições corporais artísticas. Estas sempre existiram por meio “... das práticas corporais realizadas nas feiras, nos circos, onde palhaços, acrobatas, gigantes, anões

² Para melhor compreender as manifestações dos períodos históricos, em particular a cultura popular com seus espetáculos, festas, ritos, nos subsidiamos na obra de Mikhail Bakhtin – A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, 1987. Esta obra expressa uma visão de mundo marcada pelo riso, pela subversão de valores oficiais e contestação da ordem vigente.

despertavam sentimentos ambíguos de maravilhamento e medo” (SOARES, 1998, p. 23).

No **Renascimento**, a atividade corporal passou a ser uma parte importante da Educação, para um dado segmento social, com programas de exercícios de equitação, corridas, saltos, esgrima, jogos com bolas, os quais eram praticados pelos alunos, todos os dias ao ar livre e sem limite de tempo. Este período retomou os ideais clássicos da antigüidade ressignificando a ginástica, a qual passou a ser compreendida como exercícios físicos em geral tais como corridas, lançamentos, saltos, lutas, denominados de exercícios atléticos ou desportos.

O período renascentista foi caracterizado como sendo uma sociedade de transição entre o Feudalismo e o moderno Capitalismo marcado por tentativas de organização comunitária, destacando-se o Humanismo na concepção de dignidade e valor de vida humana na terra. Favoreceu as trocas de mercadorias em feiras, com destaque para festas de rua, as quais marcaram o início da decadência do auge da escravidão no sentido da servidão do servo. Esta população conquistou um espaço de liberdade e tempo livre expressando-se mediante a própria cultura vivenciada ao longo dos tempos. A “ginástica prática” continua utilizada como exibição corporal com conotação de diversão, espetáculo, entretenimento, arte.

Com a **Idade Moderna** e a sociedade capitalista ocorreu uma profunda mudança no sistema de vida dos povos, iniciado na comunidade européia e estendido a todos os continentes da Terra, deslocando populações dos campos para as cidades, da agricultura de subsistência para a indústria.

O que a História nos mostra, conforme SOARES (1998) é que no século XVIII, com o advir de uma nova ordem social ligada à modernidade e a ciência moderna, a medicina interessada num movimento em prol do desenvolvimento do Estado Nacional e da educação, passa a trabalhar uma outra visão de corpo, associada à idéia de movimento como forma de manter e promover a saúde, objetivando o desenvolvimento integral das potencialidades do homem. Neste rumo surge a Educação Física no ambiente escolar materializada, inicialmente e prioritariamente, pela ginástica moderna e legitimada pela dimensão biológica do fazer corporal.

LANGLADE (1970), nos seus registos históricos, os quais visualizamos como lineares e descontextualizados devido à linha de pensamento de sua produção, apresenta a ginástica moderna como sendo decorrente: do aumento das horas de trabalho nas indústrias, o qual canalizava para a especialização, para a fragmentação da produção e o condicionamento do mover-se; do aumento de horas de estudo sob uma ordem e disciplina geradoras de imobilidade; diminuição de tempo livre e aumento de aglomerações urbanas reduzindo o espaço físico para as práticas atlético-desportivas; da esbelta beleza grega como ideal de corpo esculpido por uma vida dedicada ao desporto como agente de educação, saúde e lazer. Diante destes fatos evidencia-se que o autor tem por base o discurso da medicina, legitimando a presença da Ginástica / Educação Física também na escola.

O referido autor define as Escolas ou Métodos ginásticos da modernidade, como sendo originados em Estados que lhes deram o nome de origem e que determinaram a sistematização da ginástica com base nos estudos dos seus educadores e/ou cientistas. Já, o Movimento Ginástico Europeu foi caracterizado por elementos comuns a certas correntes de pensamento que ultrapassaram fronteiras estaduais e tornaram-se predominantes à luz de uma ciência e de uma pedagogia que fundamentaram as práticas internacionais, fomentadas por intercâmbios, pelas competições, por eventos pedagógicos, científicos e técnicos.

O referido movimento visou opor-se a Ginástica das Escolas ou Métodos ginásticos, mais precisamente ao caráter analítico, segmentação do movimento, interpretação objetiva e estática, centradas em posturas e atitudes moralistas gerando uma prática estilizada e direcionada para fins direcionados à saúde e à estética/beleza.

Elegeu-se a forma natural, a movimentação total, criando com a evolução desta idéia, a Ginástica Orgânica. Com esta foi criada a base da Ginástica Feminina Moderna, atual Ginástica Rítmica que foi amplamente estudada por pedagogos interessados pela área escolar. Passou-se a buscar a universalização dos conceitos ginásticos, atribuindo-se à mesma os fins competitivos tendo como marco fundamental à realização das Lingíadas em Estocolmo, desencadeando o processo de esportivização e universalização do conhecimento. O evento possibilitou aos pedagogos especializados observar,

comparar e discutir as formas ginásticas, as técnicas de execução dos exercícios iniciando um tempo de influências recíprocas e universalização de conceitos.

Um conceito moderno – “Chamo ginastica, a todo o trabalho executado com a intenção consciente de aperfeiçoar o corpo e aumentar a saúde, a força, a agilidade, a resistência, a ligeireza, a astúcia, etc” (MÜLLER, 1926, p. 13).

A Escola Inglesa contribuiu com influências e universalização de conceitos acerca de jogo, atividade atlética e esporte avançando com o conhecimento da performance de alto rendimento, o qual atualmente é à base das modalidades esportivas olímpicas. Neste rumo, compreendemos que a Educação Física na escola ganhou status ao ser concebida como educação do corpo, materializada por meio da ginástica e posteriormente pela educação física, a qual foi incorporando o *esporte* como “o elemento” da referida educação passando este a ser base de uma pirâmide esportiva em prol da formação das equipes nacionais.

Evidenciamos uma regularidade gímnica, descontextualizada e funcional, que permanece desde o século XVIII, a qual está no combate a imobilidade, ao sedentarismo via *funcionalidade orgânica com sentido de saúde*, assegurada na escola tradicional pela pedagogia conservadora.

Uma definição de desporto moderno – “Por desporto, entendo todos os movimentos e exercícios que se executam com fim de distração, para ser mais hábil do que os outros em certa especialidade, ou para se obterem prêmios em concursos” (MÜLLER, 1926, p. 13).

Ao reportar-se ao Movimento Gímnico Europeu, SOARES (1998) aponta para outros elementos destacando que ... “como expressão da cultura, este movimento se constrói a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia” (ibidem, p. 18). Para a autora, a sociedade aristocrática europeia do século XIX, afastou-se das idéias sociais centradas na diversão popular preferindo consagrar a ciência racional, a técnica centradas em preceitos voltados para a individualidade, para a aptidão.

A finalidade maior atribuída à ginástica europeia consistia em moralizar os indivíduos e a sociedade em geral, intervindo radicalmente nos modos de ser e

viver. ... “a Ginástica passou a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano” (ibidem, p. 18).

Para Soares (1998), os métodos ginásticos modernos apresentam finalidades semelhantes: regenerar a raça, promover a saúde, desenvolver a vontade, a força, a coragem, a energia de viver servindo à pátria nas guerras e nas indústrias, desenvolvendo a moral. Logo, destaca-se que no século XIX, as intervenções em prol da “Ginástica / Educação Física” são de cunho utilitário centrando sua ênfase na saúde, nas proporções do corpo, nos exercícios físicos, no desenvolvimento físico, mediante objetivos físicos e parâmetros anatomo-fisiológicos.

Diz a autora que o termo “físico” referia-se a todo o organismo envolvendo processos para a educação orgânica, psicomotora, educação do caráter e intelectual, que na área escolar orientava-se por aprendizagens de cunho inatistas e por um ensino mecanizado, cuja forma de transmissão visualizada na estrutura dos métodos, denuncia o conhecimento da teoria que fundamenta o trabalho na escola. No referido século a ginástica científica não chegou a ser popularizada, porém fazia parte do discurso dos detentores do conhecimento científico/pedagógico e/ou do poder constituído. Estes retiraram das exercitações artísticas populares, a forma de expressão, transformando-as em exercício físico, em habilidade atlética, referendadas pela Ciência, sendo devolvidas ao povo com outro conteúdo/forma, outra fórmula, outro significado, onde a Ciência moderna materializou-se na dimensão **biológico-funcional**, sustentada a mais de duzentos anos.

Dentre os significados a autora destaca a preparação de aptidões (força, resistência, agilidade...) para o trabalho visando maior produtividade do trabalhador. Este significado atualmente vem sendo posto em xeque pelo avanço das novas tecnologias. A autora destaca, um corpo-máquina esbelto e saudável como modelo que interessa ao poder econômico no projeto social vigente, o qual vem sendo questionado pelo notório desequilíbrio na qualidade de vida da população mundial.

Para ANJOS (1995), SOARES (1998), FERREIRA NETO (1999), os métodos ginásticos modernos estão vinculados aos paradigmas funcionalistas da sociedade e biológico-funcionalista da Ginástica / Educação Física voltados à manutenção, ao controle social destacando-se a fórmula da aptidão física, necessária à produção industrial e útil aos olhos da burguesia. A ginástica foi e ainda está sendo submetida à ciência natural com base positiva, sendo esta prescritiva, de enquadramento do ser humano, de padronização social e do exercício físico, de amoldamento da subjetividade humana.

Subsidiada em estudos que mapearam a ideologia, organizados por ZIZEK (1996), compreendemos o mascaramento ideológico que utilizou a ginástica enquanto uma ferramenta extremamente útil, marcada pelo autoritarismo, pela ordem e disciplina, higienização e eugeniação e principalmente pela moral. Foi sistematizada com as marcas de utilidade no trabalho, higienização voltada para a assepsia social, moralização da população, aproximando-se do conhecimento-regulação que eleger o domínio da técnica necessária à eficácia, ao rendimento, ao progresso.

...esse não-conhecimento da realidade é parte de sua própria essência: a efetividade social do processo de troca é um tipo de realidade que só é possível sob a condição de que os indivíduos que dela participam não estejam cientes de sua lógica própria; ou seja, é um tipo de realidade cuja própria consciência ontológica implica um certo não-conhecimento de seus participantes – se viéssemos a “saber mais”, a desvendar o verdadeiro funcionamento da realidade social, essa realidade se dissolveria” (ZIZEK, 1996, p. 305).

Para SOARES (1994, 1998), com investigações dos alemães, dos suecos, dos franceses e outros que sistematizaram os métodos ginásticos modernos, as práticas corporais foram sendo canalizadas para resolver problemas de economia de energias relacionadas ao trabalho industrial, ganhando o status de Ciência Natural com matriz teórica positivista. Tais métodos foram construídos com a aplicação dos conhecimentos da anatomia, da fisiologia, da medicina, aos exercícios físicos.

Para a autora, **a Ginástica moderna abarca todo o trabalho executado com a intenção consciente de aperfeiçoar o corpo, assegurando a saúde, o físico, a moral.** É marcada por uma sociedade competitiva, instaurada com a revolução industrial onde a referida prática corporal ganha o sentido de saúde individual e ao responsabilizar o indivíduo por sua saúde, a sociedade não

atende as necessidades humanas, para as quais o sentido da saúde está, prioritariamente, nas esferas pública e coletiva e vai para além da dimensão biológica que é uma das dimensões da totalidade.

Com a idéia aqui discutida apresentamos enquanto regularidade um saber descontextualizado diante a sua especificidade, que não trata a sua particularidade enquanto síntese do singular e do geral. Ou seja, a Ginástica não é um conteúdo substantivo por ser utilizada somente enquanto um conteúdo estratégico para outros fins, sendo utilizada como sinônimo de Educação Física.

Na atualidade, encontramos na ginástica um potencial de transformação e crítica que possibilita novos olhares, possíveis com o alargamento de horizontes mediante diferentes linhas de pensamento. A mesma vem sendo compreendida e usufruída enquanto uma prática corporal humana, enquanto espetáculo e/ou mercadoria que visa ao lucro quando se torna um produto de consumo momentâneo. Nos seus sentidos e significados encontramos enquanto regularidade *uma realidade que no bojo de sua totalidade foi sendo constituída, organizada e fragmentada.*

Das características históricas da atividade gímnica, pedagogizada com contribuições da Arte, da cultura popular, da Ciência moderna, visualizamos nas últimas três décadas do segundo milênio, uma possibilidade de sistematização da Ginástica no âmbito da Educação Física Escolar. Esta pode ser orientada por uma abordagem científica que abarque a idéia de **um conhecimento específico**, tratado com diferentes possibilidades de investigar, desafiar as ações gímnicas humanas, tendo como fim o trabalho formativo. Necessita do princípio da ludicidade, priorizando a recriação da ginástica enquanto exercitação do fazer corporal e de sua expressão enquanto atividade gímnica.

Esta referência em construção, possibilitou conceituar a ginástica ...como uma forma particular de exercitação onde, com ou sem uso de aparelhos, abre-se a possibilidade de atividades que provocam valiosas experiências corporais, enriquecedoras da cultura corporal das crianças, em particular, e do homem, em geral” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 77).

Ao conhecer e utilizar a referida manifestação cultural, estando consciente de suas finalidades, seus sentidos e significados, sua natureza, situados num

dados tempo e espaço, compreendendo aspectos sociais, políticos, econômicos, morais, éticos, estéticos, emerge a possibilidade de configuração de um conteúdo específico, enquanto uma regularidade significativa.

Na atualidade, necessitamos compreender o sistema social predominante que soa forte na depuração da raça, na canalização das forças para o trabalho, no corpo esculpido segundo padrões da moda e do consumismo, na comercialização do lazer como recompensa e espaço de consumo. Entretanto, consideramos fundamental reconhecer na ginástica a dimensão biológico-funcional relacionada, principalmente, ao sentido da saúde pública ou coletiva intervindo em prol das necessidades corporais humanas de bem estar, de qualidade de vida. Para CARVALHO (2001), a estrutura social predominante prioriza o paradigma da aptidão física de forma descontextualizada.

Evidenciamos que o trabalho, o estudo, a imobilidade, os vícios e a redução de atividade física ainda hoje geram problemas posturais, enfermidades oriundas da vida sedentária, para os quais as atividades atlético-desportivas não apresentaram solução. Estas estão fortemente canalizadas para o setor econômico, assim como, podem ser um problema para a saúde. Hoje, com uma leitura atenta à dinâmica da realidade social, evidenciamos um tímido engatinhar buscando ressignificar o campo pedagógico escolar, sistematizando o conhecimento afeto ao sentido do lazer ativo com dignidade, a importância do não trabalho, a vida saudável e nestas a importância das práticas corporais culturalmente construídas.

Neste contexto, a Escola legitima-se enquanto espaço e tempo de apropriação, do recriar e socializar práticas corporais de forma emancipada, mantendo vivo o questionamento sobre os diferentes projetos sociais. Nesta concepção, a ginástica escolar pode ser ressignificada estabelecendo nexos e relações com os sentidos de saúde, lazer, educação, trabalho, configurando-se enquanto conteúdo escolar que vai além dos padrões que lhe deram uma identidade rígida marcada pela modelagem/adestramento corporal.

FREIRE (1996) diz que, o **quefazer** do professor que exerce a docência consiste em **pesquisar, planejar, ensinar**, de forma consciente quanto ao

processo ensino-aprendizagem-conhecimento, orientando os aprendizes nas ações de **apropriação e de produção** do conhecimento. Este processo depende da qualidade do ensino e de fatores de ordem econômica, política e social. Neste conjunto todo, para FREITAS (1995), é evidente que não basta avaliar a aprendizagem dos alunos, pois também estão presentes no referido processo o planejamento e o ensino do professor e as condições oferecidas pela instituição social.

FREIRE (1987, 1991), remete-nos à importância de considerar os sujeitos de ação, a força do específico, as experiências inovadoras que deram e dão certo e que necessitam ser tratadas como avanço em constante discussão, numa dinâmica peculiar de relação de mão dupla entre a parte e o todo de algo instituído. Isto na área escolar nos leva para um local do ponto de encontro entre a Educação Física e Esporte e outras áreas de conhecimento, de saberes que são referências para a disciplina escolar. Este local e ponto de encontro mediado pelo diálogo e configurado por categorias recíprocas como o conteúdo/forma e objetivos/avaliação, consiste na Teoria Pedagógica enquanto um plano de entendimento que tem como fundamento à prática concreta em transformação social.

Ampliando a reflexão buscamos estabelecer nexos e relações do conteúdo específico, visualizando uma possibilidade de trabalho no âmbito escolar.

Contribuindo com **saberes específicos**, CHEPTULIN (1982) traz uma contribuição filosófica orientada pela prática social que evidencia a consciência humana e as propriedades e relações universais do objeto, materializadas pela atividade. A Filosofia discute a objetividade da realidade e a forma como o pensamento expressa o mundo, mediante o singular, o particular e o geral de um conhecimento. Para o autor, em cada formação material são encontradas propriedades e ligações que são próprias a ela mesma e que não existindo em outras formações materiais constituem o singular. Ao lado do que não se repete, deve haver o que se repete, o que é próprio não apenas a uma dada formação material, mas também a outras (coisas, objetos, processos).

As propriedades e ligações que se repetem nas formações materiais (coisas, objetos, processos) constituem o geral. Cada formação material, cada coisa representa a unidade do singular e do geral, do que não se repete e do

que se repete. O singular e o geral se manifestam no particular. A correlação do singular e do geral no particular manifesta-se igualmente na transformação do singular em geral e, vice versa, no processo de movimento e do desenvolvimento das formações materiais (ibidem, p. 194 - 195).

Sendo o singular uma propriedade que não se repete na formação material e o particular a formação em si, então o particular é o singular e o geral numa totalidade. “O particular é a unidade do singular e do geral. A correlação do particular e do geral representa uma correlação do todo e da parte, em que o particular é o todo e o geral é a parte” (CHEPTULIN, p.196 - 197). Ou seja, cada particular possui, em potencial, as propriedades de tornar-se geral e para estabelecer a diferença entre os objetos confrontados, torna-se necessário opor o geral ao particular e não ao singular. O que distingue os objetos confrontados constitui o particular e o que exprime sua semelhança é o geral.

Na explicação científica de CHEPTULIN (1982), entram em cena categorias fundamentais como a realidade, a possibilidade e seus limites.

Emerge uma possibilidade de potencializar a formação escolarizada, tendo a prática como fundamento da teoria, sendo esta orientadora da própria prática, em que a **atividade** é um conjunto de ações articuladas, relacionadas, que constituem nexos de uma totalidade, na qual a práxis é intencional e possui um projeto social em construção; entretanto a atividade pode não ser a práxis. Para VÁZQUEZ (1986), a atividade humana é específica e carrega a possibilidade de ser intencional, consciente, dependendo das finalidades voltadas para a formação de capacidades de abstração, criação, reflexão, ação. A práxis é caracterizada pelos objetivos carregados de valores, pensando o concreto e criando finalidades pela leitura do real. A leitura do real é o produto da consciência que requer identificação, objetividade, subjetividade e ação prática, possibilitando tratar a práxis não como junção de teoria e prática, mas como a relação entre as dimensões.

Diz FREIRE (1987) que não é qualquer ação refletida que é práxis histórica e libertadora, mas somente aquela que abre perspectiva de futuro para o outro. A conscientização é compromisso que se prova na práxis de forma engajada. É processo de busca como atitude crítica dos humanos na história que não terminará jamais. Para VÁZQUEZ (1986) são os valores que

dão sentido à intencionalidade, e esta dá sentido à objetividade que possibilita o agir pensado, evidenciando a consciência filosófica como um saber sistematizado.

A contribuição de CHEPTULIN (1982), VÁZQUEZ (1986), FREIRE (1987, 1991, 1996), possibilita olhar para a atividade gímnica, contribuindo com a especificidade do objeto, com uma essência significativa e uma razão, sendo esta deslocada conforme o contexto, o lugar, o espaço e o tempo, a instituição. Na escola, a Ginástica é uma categoria que tem significado, uma realidade específica configurada pelo universo ginástico, tendo como essência a exercitação de si mesmo, manifestando que:

- o **geral da Ginástica** encontra-se nas propriedades e ligações repetidas, que representam a semelhança do objeto e do seu processo. Estão presentes no **conteúdo substantivo**: as possibilidades de ações (totais e/ou ações dos segmentos corporais que na exercitação geraram curiosidades, desafios e emoções); as seqüências de ações; as diferentes posições; os eixos corporais; a postura; as funções vitais com seu ritmo orgânico; as causas da exercitação que geram benefícios e malefícios; a tonicidade muscular e a mobilidade articular; os valores co-educativos, cooperativos, solidários..., que emergiram da aprendizagem e da socialização do conteúdo. O geral também está no conteúdo da estrutura de conteúdo enquanto **forma**, sendo o conteúdo estratégico;

- o **singular da Ginástica** encontra-se no que não se repete, sendo o próprio objeto e seu processo, seu espaço, distinguindo-a das demais práticas corporais pela qualidade reduzida a si mesma, a *talidade* enquanto qualidade tal qual é, em si mesma, desnuda, ímpar enquanto prática que tem no significado uma essência própria. A singularidade gímnica objetiva posicionar o sujeito com a atenção, a concentração e a intenção no conhecer e/ou utilizar a **exercitação em si mesma**, desnuda, gímnica, interagindo consigo mesmo e com outros, no espaço e tempo de reflexão e intervenção pedagógica;

- o **particular da Ginástica**, ao qual compete fazer a síntese entre o singular e o geral, constituindo o tripé da especificidade, distinguindo os objetos confrontados, estabelecendo a diferença. Apresenta-se com um tipo de esforço corporal que configura o rendimento necessário à exercitação/expressão gímnica, praticada em diferentes materiais, aparelhos

móveis, fixos, flexíveis, leves ou pesados, em diferentes superfícies e no meio líquido, estabelecendo as semelhanças e as diferenças das modalidades ginásticas com o conteúdo substantivo no geral e com outros conteúdos tratados na Educação Física Escolar.

Visualizamos que o geral e o singular estão inscritos no particular de um **conhecimento específico do tipo corporal**, estabelecendo relações e nexos, buscando as regularidades comuns e de significado. Sendo uma atividade orientada por um fim intencionalmente avaliado, **a Ginástica Escolar é o conteúdo específico da execução de si próprio, entrelaçado com uma forma particular de manifestação, praticado sem ou com materiais, com aparelhos móveis, fixos, elásticos, leves ou pesados, em diferentes superfícies e no meio líquido, possibilitando aos aprendizes conhecer o universo ginástico ao usufruir da atividade gímnica.**

Na área escolar, uma abordagem orientada pela **reflexão pedagógica** possibilita à Teoria Pedagógica, a superação de tecnologias prescritivas que desobrigam docentes e discentes da elaboração do pensamento sobre o conhecimento tratado, onde aprender ginástica não é só exercitar-se. Com o referencial desta produção compreendemos que **o conteúdo é constituído pelo conjunto das qualidades geral, singular, particular, do objeto e do seu processo de seleção, organização e sistematização.**

Ao estabelecermos nexos e relações necessários à contextualização da ginástica a partir de suas referências históricas atualizadas, propomos a seguir, uma possibilidades de trabalhar o conteúdo gímnico em aulas de Educação Física, desenvolvendo-o num processo cíclico. Os ciclos são a atribuição de níveis sucessivos ao conhecimento, sem pontos fixos, promovendo a passagem espiralada ao tratar o conteúdo em progressão contínua, partindo da condição dos aprendizes.

1º CICLO³ - caracterizado pelas aprendizagens iniciais, concretas, exercitadas, tendo como objetivo a identificação da realidade – a ginástica. O conteúdo pode ser organizado e tratado, com dados e definições que antecedem conceitos, não isolados, onde o sincretismo vai sendo trabalhado

³ Esta produção também emergiu de um processo de pesquisa-ação, desenvolvido e vivenciado nos anos de 2001 e 2002, em três escolas da rede pública estadual de Pernambuco. O foco da investigação foi o conteúdo ginástica em aulas de Educação Física.

com a vivência dos fundamentos visíveis nas ações corporais das crianças, questionando-as com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças no Conteúdo da Ginástica. O mesmo pode ser identificado com fundamentos ginásticos, jogos e brincadeiras, com a Ginástica Olímpica e a Rítmica, percebendo as funções vitais - vivenciados em aula, oficina, festival, seminário, incluindo a definição destas formas.

As atitudes são construídas na vivência de emoções e valores como o respeito, a cooperação, o direito de aprender, num processo marcado pelo fazer ginástico pensado, mediante o diálogo e a participação corporal, verbal e com desenhos explicativos da ginástica. Esta necessita ser vivenciada nas diferentes possibilidades de andar e de saltar; de equilibrar-se e de equilibrar objetos; de girar/rolar; de balançar-se; de trepar, entre outros, explorando o espaço concreto, os materiais móveis e fixos existentes na Escola e fora dela em locais propícios.

2º CICLO - caracterizado pela iniciação à sistematização do conhecimento, partindo do conteúdo substantivo para suas formas. É o tempo das generalizações próprias do concreto visível e/ou projetado, concretizadas com a reflexão e ação sobre: a cultura popular com seus jogos e brincadeiras ginásticas, com as diferenças e as semelhanças que confrontam o conteúdo específico nas diferentes modalidades da Ginástica - Olímpica, Acrobática, Aeróbica, Rítmica...

Na configuração do conteúdo Ginástica são tratados, prioritariamente, fundamentos expressos em ações de totalidade, posições e eixos corporais, apoios, funções vitais, identificação das técnicas de cada modalidades, trabalhando sem materiais, com materiais utilizados no prolongamento das ações corporais ou materiais fixos para apoiar as ações ou materiais flexíveis.

Os aprendizes devem ser orientados para a compreensão e explicação do significado central das modalidades gímnicas, socializadas em festivais enquanto conteúdo procedimental, ou seja, um tempo e espaço de observação e de socialização do conhecimento junto à comunidade escolar. A Ginástica necessita ser confrontada com a Dança, com o Jogo... identificando as diferenças visíveis a partir do trato simultâneo de ambos os conteúdos no decorrer do semestre.

3º CICLO - caracterizado pela travessia das generalizações do concreto, passando às aproximações das regularidades subjacentes, evidenciadas com a compreensão e explicitação da Ginástica. Partindo desta, organizamos e tratamos, a Ginástica Rítmica, construindo conceitos e iniciando a formação de regularidades, como a identificação do ritmo interno e externo à execução.

Trabalhamos diferenças e semelhanças entre métodos: Sueco, Francês, Calistenia e modalidades com suas técnicas e materiais: Rítmica, Acrobática, Aeróbica / Step, Hidroginástica... Os métodos necessitam ser tratados a partir de suas origens em confronto com o conhecimento acessado e tratado na atualidade. Buscamos a essência da atividade gímnica ao confrontá-la com o Jogo, com a Luta, identificando a regularidade singular de cada conteúdo, evidenciando o pensamento teórico. O festival já pode ser compreendido enquanto conteúdo aberto à observação, as novas experiências como, atuar com colegas menos experientes, exercitar-se em materiais que não existem na escola, e socialização de conhecimentos à comunidade escolar.

4º CICLO - caracterizado pela regularidade enquanto traços gerais da ginástica, partindo do conteúdo substantivo para diferentes sentidos da realidade, elegendo modalidades conforme a intenção objetivada. A regularidade é real e possui lei ativa, operacional ao nível dos significados e do comum, persistindo na repetição. O conteúdo necessita ser aprofundado, no ensino médio, visando consolidar uma atitude em Educação Física, promovida pela análise da realidade, diante de sua leitura e compreensão, produzindo novas sínteses com elevação dos níveis de conhecimento para outros patamares.

O trabalho científico encontra na pesquisa escolar, um princípio, um treino para o aprimoramento e sofisticação de uma dada lógica. Neste ciclo, ocorre a identificação dos diferentes sentidos atribuídos à atividade gímnica, estabelecendo relações e nexos com a Educação, a Saúde, o Lazer, o Trabalho competitivo, possibilitando o aprofundamento do fim formativo, na lógica do rendimento escolar.

Em síntese, nos diz a obra freireana, que formar consiste em informar por dentro, criando estruturas cognoscitivas nos aprendizes, desenvolvendo o conteúdo substantivo e processos investigativos, visando transformar a

realidade objetivada num processo de apropriação, recriação e socialização do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA.

- ANJOS, J. L. (1995) Corporeidade, Higienismo e Linguagem. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos.
- ANJOS, J. L. (1998) Temáticas e Discursos da Corporeidade. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos.
- CAPARRÓZ, E. F. (Org.).(2001) Educação Física Escolar: política, investigação e intervenção. Vitória: Proteoria.
- CARVALHO, Y. M. (2001). O “Mito” da atividade física e saúde. SP: Hucitec.
- CHEPTULIN, A. (1982) A dialética Materialista: Categorias e leis da dialética. SP: Alfa-Omega.
- COLETIVO DE AUTORES (1992). Metodologia do Ensino de Educação Física. SP: Cortez, 1992.
- FERREIRA NETO, A. (1999). A Pedagogia no Exército e na Escola: a educação física brasileira (1880-1950). Aracruz, ES: FACHA.
- FREIRE, P. (1967). Educação como prática da liberdade. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1970). Ação Cultural para a Liberdade. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1975). Extensão ou comunicação. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1978). Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1980). Conscientização: teoria e prática da liberdade. SP: Moraes.
- FREIRE, P. (1987). Pedagogia do Oprimido. RJ, Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1991). A educação na cidade. SP: Cortez.
- FREIRE, P. (1996). Pedagogia da Autonomia. RJ: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (2000). Pedagogia da Indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. SP: Editora UNESP.
- FREITAS, L. C. (1995) Crítica a organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas: Papyrus.
- LANGLADE, A; LANGLADE, N. (1970). Teoria General de la gimnasia. Buenos Aires: Stadiun.

- MÜLLER, J. P. (1926). O Meu Sistema. Gimnastica Dinamarqueza. Paris – Lisboa, Livraria Aillaud & Bertrand.
- PERNAMBUCO. SEE, (1995). Debate sobre Educação e Cultura _ Professores Silke Weber, Ariano Suassuna e Paulo Freire. Recife:PE (Vídeo – Videotape - Capacitação em rede – DETE / FCC / 1004).
- SOARES, C. L. (1998). Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas, SP: Autores Associados.
- SOUZA, J. F. (2001). Atualidades de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre a educação na diversidade cultural. Recife: Bagaço.
- SOUZA JÚNIOR, M. (1999). O Saber e o Fazer Pedagógicos: a Educação Física como Componente Curricular...? ... isso é História! Recife, EDUPE.
- TAFFAREL, C. N. Z.; ALMEIDA R.; COSTA, A.; GONÇALVES, J. (2000). Avaliar com os pés no chão da escola: a experiência da educação física. In COSTA CARVALHO, M. H. Avaliar com os pés no chão da escola: reconstruindo a prática pedagógica no ensino fundamental. pp. 195-217. Recife: Universitária da UFPE.
- VÁZQUEZ, A. S. (1986). Filosofia da práxis. RJ: Paz e Terra.
- ZIZEK, S. (Org.) (1996). Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto.

DADOS CATALOGRÁFICOS

LORENZINI, Ana Rita. O Conteúdo Ginástica em Aulas de Educação Física Escolar. In **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Marcílio Souza Junior (org). Recife: EDUPE, 2005.

Eu, Ana Rita Lorenzini autorizo a publicação deste na Gmânica – Biblioteca Virtual de Ginástica.